

Os caluniadores
são como o fogo,
que enegrece
a madeira verde
sem a poder quei-
mar.

Voltaire

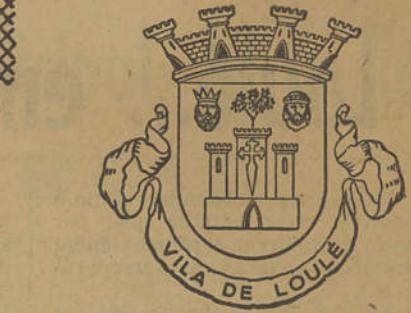
ANO VI - N.º 145
DEZEMBRO

8
1957

AVENÇA

oloteca Nacional

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

A HORA DO ALGARVE

NESTE momento, que se reunem em Lisboa os representantes do Turismo Nacional, estimariam que o Algarve, ao invés do que é frequente, desse sinal acen- tuado da sua presença.

No movimento de expansão que se pressente nesse campo de actividade nacional, em que tanto há que fazer, o Algarve pode dizer alto e afoi- tamente: Temos motivos de Turismo como província nenhuma! Mas estamos mais atraídos que qualquer outra província, nos meios de atrair o Turismo.

Dizem-nos que há um plano de realizações hoteleiras, de grande classe e que, para o Algarve, se planeia a constru-

ção de algumas unidades, no pensamento de tornar esta região, em razão das suas exce- lências climáticas, uma estação de inverno, semelhante à Ilha da Madeira. Oxalá assim seja.

Mas confiar isto apenas à iniciativa geral parece-nos pouco.

Julgamos chegada a hora de avivar aos representantes do Algarve, no Turismo Nacional, aos órgãos de imprensa algarvios e às autarquias locais da Província, que estamos na hora «H», para fazer valer os direitos incontestáveis que as nossas virtualidades turísticas reclamam.

Julgamos que todos se devem movimentar no sentido de exaltar, acentuar, incentivar a nossa potencialidade turística, inclusivamente trazendo em visita aos mais destaca- dos e aprimorados pontos de apre- fiação, os altos dignitários do Turismo Nacional.

(Continuação na 4.ª página)

Recordando

Ex.º Senhor Director
de «A Voz de Loulé»

A propósito da carta que lhe foi dirigida pelo ilustre louletano, Ex.º Senhor José da Costa Guerreiro, e, secundando inteiramente, as suas afirmações, acerca da ação do benemérito José da Costa Mealha, solicito-lhe Sr. Director, o favor de me autorizar a contribuir com a minha alegria, para a história do progresso da nossa terra, ocupando-me também, da época referida.

Alguém, afirmou que, «Os homens passam e as obras ficam», isto, é uma verdade, as obras perduram, para benefício das gerações vindouras, mas, nunca devemos esquecer, os nomes dos homens, que as idealizaram, os que as realizaram e ainda aqueles, que, de qualquer forma, as tornaram uma realidade.

Bem hajam, todos aqueles, que têm tornado a nossa vila, tão encantadora.

Estou a ver, aquele local, antes da abertura da Avenida, o jardim, «Ferro de Engomar» com o velho *Caralhão*, de guarda, que não nos deixava pôr o pé em ramo verde, o *Animatógrafo*, os Correios, e, os estabelecimentos *Marrachinho*, *Bruna* e o *Canaírinha*. O Largo dos Inocentes, fechado, em quadrado, servia de parque de fundo.

Estávamos em plena guerra 914/18, e, além do ambiente pesado, por virtude da ida dos rapazes para França, começaram a faltar na terra, os indispensáveis abastecimentos, o que reforçava o mau estar. Foi, então, que José da Costa Mealha, numa viagem ao Alentejo, de lá trouxe

(Continuação na 3.ª página)

EM LISBOA

Cerca de 160 antigos alunos e professores do Liceu de Faro, reuniram-se no II Almoço de Confraternização, onde foi pedido que o nome de João de Deus fosse dado de novo àquele estabelecimento de ensino

Por ser já tradicional reunirem-se os antigos professores e alunos do Liceu de Faro, nos salões da F. N. A. T., teve lugar o II Almoço de Confraternização, no passado dia 1 de Dezembro.

Às 10,30 horas, nos Jerónimos, foi, pelo Rev. João Cabeçadas, antigo aluno daquele liceu, dita missa por alma dos professores e alunos já falecidos, seguindo-se depois, uma romagem ao túmulo do grande Poeta onde foi, pela antiga aluna, sr.ª Dr.ª D. Odete Leonardo da Fonseca, colocado um ramo de cravos vermelhos.

Ali discursou, proferindo sentidas palavras de viva

QUARTEIRA...

EM RETRATO

A crítica sistemática é de- letária e inimiga da ação, mas a crítica bem informada, séria, objectiva, tem efeitos salutares, só com não deixar criar a mistica da infalibilidade ou da irresponsabilidade, sobretudo nos órgãos secundários da Administração.

Dr. Oliveira Salazar

Continuamos respondendo às deficiências apontadas pelo sr. R. P. no seu 4.º artigo, do dia 27 de Outubro findo, deste jornal.

Desde já devemos declarar que o fazemos pela muita consideração que nos merece o crítico e a opinião pública que deseja naturalmente ser esclarecida sobre as deficiências da nossa Praia, que já vem de antes de Abril de 1957, em que tomámos posse.

Porque, na verdade, se os efeitos fundamentais da nossa Praia provem do facto de não existir Plano de Urbanização aprovado, quando nele se pensa há mais de 13 anos — a quem cabe a culpa?

Deve esclarecer-se, em abono da verdade, que os alugadores das casas para veraneantes são obrigados a declará-lo à Câmara Municipal, para o efeito do pagamento da taxa de 3% sobre a renda, importância que, nos termos do artigo 773.º do Código Administrativo, é parcialmente entregue à Junta de Turismo.

(Continuação na 3.ª página)

saudade e de homenagem ao pedagogo da «Cartilha Maternal», o seu conterrâneo e parente, sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, tendo sido guardado dois minutos de silêncio.

Depois, pelas 14 horas, os convivas inscritos, num ambiente de verdadeiro espírito académico, enfrentaram o maravilhoso «menú», trocando-se inúmeras brindes. Presidiu o General Santos Correia, que tinha a seu lado os srs. Coronel Sousa Rosal; Major Mateus Moreno; Dr. Maurício Monteiro e Dr. D. Ofélia Azinheira.

O primeiro orador foi o

(Continuação na 2.ª página)

Moçidade Portuguesa FEMININA

Avisam-se os interessados, de que todas as alunas do ensino particular individual e doméstico, que pretendam fazer exames de Admissão ao Liceu ou Escola Técnica, deverão inscrever-se na respectiva Sub-delegacia Regional da M. P. F. até final de Dezembro, sem a qual não lhes poderá ser passada a declaração para efeitos dos referidos exames.

Nesta hora de solidariedade humana, que se aproxima, fica tão bem um gesto de virtude cristã...

Seria um exemplo de generosa iniciativa, de alta compreensão da miséria que domina fertos lares, onde a alegria é escassa e o sofrimento constante...

Nestes dias de festa, em que vestimos o fato novo e compramos os melhores aceipés para o jantar, poderíamos fazê-lo com o sentido de termos aliviado, ou attenuado um pouco, a penúria e a fome de muitos que gemem as agruras da vida, que lhe foi adversa...

Nas escolas, no colégio, onde a

vida principia, onde as almas são botões de rosas a abrir para o jardim da humanidade, ficava tão bem um gesto de generosidade fraterna para com os infelizes.

Meio quilo de açucar, de arroz, de massa, de feijão, de grão, de farinha custava tão pouco, a tra-zer. Quem pudesse... dava!

E assim, seria a semana da bondade... Essas migalhas diárias durante seis dias, que bom auxílio representavam para o «Jantar dos Pobres».

A sugestão aí fica! A Associação de Assistência à Mendicidade que tome conta dela e lhe dê vida e forma...

Na Casa do Algarve

«Encontrei o Algarve no Sul de Itália»

O Dr. Ferreira de Almeida, cuja sensibilidade de crítico e artista há tanto tempo nos temos habituado a apreciar e estimar através dos seus escritos e conferências, sempre esmaltados

de uma viva e original elegância e distinção, proferiu na nossa Casa Regional, uma Conferência, subordinada ao tema em epígrafe, que constituiu mais uma brilhante jornada cultural daquele organismo.

Na presença do representante do Turismo Italiano, Dr. Bruno Bonotto e dos Directores da Casa do Algarve, sob a Presidência do Juiz-Conselheiro Dr. Sousa Carvalho, notável vulto do Algarve e perante selecta assistência, disse o Dr. Ferreira de Almeida, com o re-corte literário que é seu timbre, que são infúmeras as analogias entre o Sul de Itália e Portugal.

Nomeadamente, acentuou, a música do corredinho em comparação com as «tarantelas, a existência de flora arbórea idêntica, como as laranjeiras a que o povo chama ainda «Portugali», a vida nos mercados onde se

(Continuação na 3.ª página)

RETOQUEMOS...

Meu caro Ceza Luzi

O «Z» da última palavra é que me fazia uma certa confusão, daí que, modernamente, se escreve com «S». Mas, é claro, ao mais insignificante decifrador de anagramas, a coisa saia clara. Queria pedir-te um favor. Não te metas nesta questão de Quarteira!

Não há necessidade de vir tomar parte numa questão de que, até pela distância a que te encontras, estás tão longe!

A forma chocarreia como pões a questão não se compadece com a importância dos interesses em jogo. Não há Casino nos Cavacos nem muitos prédios a demolir. Quem te elucida dessa forma fê-lo com má intenção.

O que o Plano de Urbanização que se defende e aplaude pressupõe, era um largo ou Praça, onde hoje está a esplanada cujo fundo seria constituído pelo Casino.

Já vês que não haveria necessidade de ir aos Cavacos, nem de tirar a vista «pró mar» ao Casino, nem de passar por ruas transversais.

Como queres tu, tão mal informado que não sabes que há re-cer de que, no futuro o mar avance e prejudique as construções que já existem junto à Avenida, que se vá fazer um passeio do lado sul da Avenida Marginal? Ou que se fosse gastar o dinheiro para a construção do Casino junto à mesma Avenida, quando esta não comporta sequer o trânsito de automóveis em dias de afluência?

Não retoques mais, sem analisar bem o problema e tomar conhecimento, pelo menos mais profundo, com o que se projecta fazer.

Abraça-te afectuosamente

O velho e dedicado

R. P.

QUARTEIRA... a nossa praia

Sabemos do interesse que têm despertado a polémica conduzida entre a Junta de Turismo de Quarteira, através da pessoa do seu Presidente Dr. A. S. P. e o signatário e não nos deixaremos encaminhar para o campo, onde muitos pretendiam.

Temos sempre posto as nossas intenções ao serviço de uma causa justa, construtiva e digna, temos usado de dignidade e elevação e não pretendemos ofender alguém.

Se uma ou outra vez, tivemos que ser violentos foi porque o assunto é de tal forma candente que há necessidade de o dizer por forma incisiva e crua. Se, alguma vez, tivemos de recorrer a um desvio de propósito e de fazer qualquer alusão mais pejorativa foi porque, para aí, nos citaram.

Mas, justiça se faça a quem a merece, e eu julgo que o Dr. A. S. P. é digno e merecedor de um esclarecimento prévio. Não se lhe podem imputar culpas por actos que não correspondam a práticas suas, na direcção aliás tão breve em que tem exercido o cargo.

O que pretendemos é insistir no receio que temos de que se deixe absorver pelo ambiente local pelo tal espirito de se administrar o turismo em face das conveniências da localidade, em oposi-

Auxílio do NATAL na Casa do Algarve

Para continuar os preparativos da distribuição do Auxílio do Natal da Casa do Algarve, no corrente ano, aos algarvios mais necessitados residentes em Lisboa, reuniu há dias a Comissão de Protectoras Assistentes da referida agremiação.

Fazem parte desta Comissão as

sr.º D. Raquel Maria da Graça

Mira, D. Maria Eugénia Mardel

Correia, Dr.º D. Maria João Lopes

do Paço, D. Alice Esteves

Guerreiro Murta, D. Isabel de

Sousa Carvalho, D. Rosário Salgado

Moreno, D. Ester Neves

Franco, D. Emilia do Nascimento

Mealha, D. Maria das Dores Vilas

Pacheco, D. Ilda Cansado,

Dr.º D. Maria Odette Leonardo

da Fonseca e D. Isabel Seita

Monteiro.

A Casa do Algarve agradece todos os donativos em dinheiro,

conservas, agasalhos e brinquedos,

que para o dito Auxílio pos-

sam ser-lhe desde já enviados ou

entregues a cada uma das indi-

cadas componentes da sua orga-

nização de beneficência.

(Continuação na 4.ª página)

RETOQUEMOS... O retrato de Loulé

Aqui estou para continuar a nossa conversa. Bem, eu não sei se alguém leu o meu primeiro alinhavo nesta nossa «Voz», todavia vou fazer como o nosso conhecido D. Quixote, vou continuar a arranhar contra os meus hipotéticos adversários verbálicos.

A minha opinião sobre planos urbanísticos é talvez um pouco a «bota de elástico» visto ser contra o «deita abajo que queremos mais largueza», base principal de quase todos os planos urbanísticos. Que se deite abajo que impeça um pouco o trânsito, concordo. Que se deite abajo um prédio que estorve o prolongamento de uma avenida ou o livre acesso a um lugar de reconhecida utilidade pública, também vá lá.

Mas que se deitem abajo ruas inteiras para que ha-

jam pistas a fim de os senhores automobilistas podermos andar com a velocidade que lhes der na real gana, isso não! Não se deitem abajo no centro das nossas vilas e cidades, os prédios, alguns deles característicos de uma terra ou região, só com a mania que as ruas são estreitas! Há muito espaço em redor das povoações para se construir ruas largas!

Aí, sim, ai senhores urbanistas, traçai ruas largas, amplas praças, amplos jardins, cortai por onde vos apetecer, mas não estragueis a beleza e as principais características com que nos habituámos a amar a nossa terra, as nossas povoações. O dinheiro gasto em expriações desnecessárias tem muito lugar onde ser empregado com melhor proveito para todos nós.

Perdoem-me o desabafo,

«Loulé... em retrato»

Muitas vezes cismos como é possível criar hábitos que, por vezes, agradarem, proporcionam prejuízos, quantas vezes irreparáveis.

Este, de há já cinco anos, escrever este Loulé... em retrato, obriga ao sacrifício de nos levantarmos às 6 horas de cada dia, salvo raríssimas exceções.

Sim, por que a dia está consagrado todo, aos afazeres profissionais e nada se pode roubar a estes.

A noite, isto é, o serão, do jantar à meia noite, é consagrado ao convívio com alguns amigos, à leitura dos jornais e a assuntos particulares.

E a redacção destes pequenos retratos e de outras composições congêneres é quase feita contra relógio, porque das 7,30 horas para as 8, aparece o editor a bater à janela para ver se há material para mandar para Faro na primeira camionete da carreira.

Ora digam lá, se isto é ou não é, maria de escrever.

Mas infelizmente, ou felizmente, a nossa maneira de ser, é assim.

Tomámos o compromisso de ajudar a erguer esta obra, que é o jornal de Loulé e temos de cumprir.

O sacrifício das nossas madrugadas é pouco, comparado com o benefício que produz, de ajudar a manter acesso este facho, que é por assim dizer, «A Voz de Loulé», a reacção de qualquer coisa que sentimos que nos faz falta conservar, desenvolver e aguentar, como elemento valorizante do património natal.

A semana passada, falou-se muito do homem das cavernas, porque foi capturado um demente, que tinha horror às barbearias e era, use-se o nome, apenas sentido puramente literal, «um hidrofobo».

Vagava pela Areeiro e recolhia-se a uma lapa ou toca. Comia de alguma coisa que lhe davam e de frutos que colhia. E assim viveu 4 ou cinco anos, uma vida de animal selvagem, a que ninguém—entre tanta gente que o conhecia e via—ousava pôr broto chamando a atenção das autoridades.

Capturado tornou-se o herói da pelas longas tranças que apresentava, pela barba e bigode de que era portador.

Pobre demente, escorregado do convívio dos homens quem nos diz, que não se sentirá agora infeliz com a nostalgia da sua solidão?

Máquinas de Escrever

ALUGA a dias ou a meses o CENTRO COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES e INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 —
Telef. 277 LOULÉ

QUARTEIRA

Vendem-se três prédios bem localizados e de boa construção.

Tratar com Carlos F. Viégas (Carlos Jacinto) — Quarteira.

V. Ex.ª deseja comprar uma máquina de tricotar? Não compre qualquer marca, compre sim...

A RAINHA DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR

«M ATADOR» O expoente máximo da Indústria Alemã

Simples - Resistente - Rápida - Perfeita

Vendas a prestações mensais desde Esc. 90\$00

no AGENTE OFICIAL

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5 —
LOULÉ — Telef. 277

GRANDE BRIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

EM LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

Vivia a sua vida, umas vezes mais pacatamente, outras mais agressivamente, assustando quando aparecia de noite a pedir, ou quando a fome lhe despertava o instinto que guia os lobos quando descem ao povoado.

Que mundo de observações e comentários tem merecido a aparição do miserável!

Tornou-se o objecto de surpresa e admiração de gente que se diz civilizada um infeliz a quem a civilização escorregava e não protegia!

Parece que, às vezes, se encaminham paradoxalmente as coisas, para o mal, para depois nos admirarmos quando o mal aparece!

Não era ele que devia ser preso mas sim as pessoas de família, a começar pela mãe que o escorregava de casa, que não permitia que o desgraçado do filho, a quem a razão não assistia, não tivesse um canto para dormir e um meigo afago para amenizar a sua já dolorosa condenação de ser anormal.

Realizou-se no domingo um desafio de futebol com um grupo de uma cidade, que consideramos nossa amiga...

Veio gente de fóra, duas ou três camionetas de simpatizantes e tudo isto deu um pouco de animação e fevereirismo.

Porque o árbitro, porventura tivesse sido ostensivamente parcial, gerou-se indignação e parece que, no final do encontro houve animosidades que conduziram a alguns excessos.

Interveio a Polícia e mal ou bem, lá se concluiu aquela jornada do Campeonato da III Divisão.

É triste que estes casos se deem porque revelam mau ambiente desportivo.

Os árbitros deviam ser pessoas ponderadas, com qualidades técnicas e formação moral para desempenharem tarefas já de si, tão espinhosas e susceptíveis de apreciação justa.

Os jogadores deviam ter também uma educação mais desportiva, mais desembaraçada de espírito impulsivo e mais completa de sentido de solidariedade.

E o público devia ter uma noção mais acentuada de que recebe hospedes, que amanhã serão hóspedes e que podem proporcionar aos nossos contemporâneos uma recepção, também menos agradável e menos própria daquele que deve ser sempre timbre de bom convívio entre duas localidades que no fundo são muito parecidas e cujo modo de vida tanto se aproxima.

Enfim, a bem ou a mal, foram coisas que não deviam ter acontecido, porque não significam, nem elevam o desporto.

A Comissão promotora do II Almoço, era composta pelos antigos alunos, srs. António José Fontainhas, Vasco Rocha e Inácio dos Santos.

Agradecemos o convite enviado.

Luis Sebastião Peres

— — — — —

Retoquemos

(Continuação da 1.ª página)

mas ele veio a propósito de se querer deitar abaixo a esplanada e os prédios do mesmo bloco, para se fazer (?) um «passo».

Então ficamos na mesma? — perguntará o leitor amigo.

Não! Pelo que atrádisse, viram que cheguei a concluir de que infelizmente não há quem construa o tão ambicionado Casino e assim sugiro, simplesmente, que se faça um estudo objectivo da questão do recinto de divertimentos da praia, pois como todos sabem, é à volta dele que decorre o agradável ou desagradável ambiente de toda a praia. É-me simpática a ideia de dar um arranjo à actual Esplanada-dancing no sentido de a tornar mais confortável, mais airosa e atraente, mais convidativa à «valsa» e ao «rock». No entanto esse arranjo deverá ser estudado com a maior cuidado, e planeado com vista a futuras melhorias, de modo que a fazerem-se estas não tenham que desmanchar aquelas.

Parece-me que não será preciso esperar pelo Plano de Urbanização para se deitar abaixo aquele desmantelado casarão que fica no princípio da praia e ao lado do «mercado», actualmente servindo de estrumeira...

Ao povo, é preciso educá-lo, e para começar sugeria que fôssem colocados na praia, a determinados intervalos, uns recipientes para papéis e outros detritos (cascas de frutas). Claro que esses recipientes deveriam poder obstar, na medida do possível, ao exame das mósicas, como não devem ser de todo inestéticos (já os vi de vários e bonitos feitos em algumas terras).

O senhor Cabo do Mar, auxiliado pelos banheiros, zelariam para que os veraneantes não sujassem a praia.

Tenhamos fé na boa vontade dos homens da Junta de Turismo e a pouco e pouco a nossa Quarteira irá adquirindo um novo e moderno aspecto.

Vendem-se 600 fardos, em Vale Luis Netos, próximo de Vale da Rosa (Barranco do Velho).

Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

Cesa Luzi

A Vila da Lousã

(CONTINUAÇÃO)

Conforme o prometido, volto novamente a expôr aos caros leitores, mais algumas impressões sobre a minha visita à pitoresca Vila da Lousã, de que guardamos muito gratas recordações.

UMA VISITA A VILA E A ALGUMAS FABRÍCAS

Lousã é uma terra que apega de pequena, é muito comercial e industrial.

Na parte mais central da Vila encontra-se a igreja Matriz, um belo imóvel, com a sua torre sineira e um bom relógio, com dois mostradores luminosos, só pecando por dar as horas muito apressadamente.

Não tem edifício próprio para o mercado, efectuando-se este às terças-feiras e sábados, no largo frontal à igreja. Ao lado da igreja, ergue-se um belo edifício,

onde se acham instalados os serviços municipais, tendo à sua frente um bonito jardim.

Próximo do referido largo, encontra-se a Estação dos C. T. T., com boas instalações. Ao lado da igreja, ergue-se um belo edifício,

onde se acham instalados os serviços municipais, tendo à sua frente um bonito jardim.

Como terra de Turismo, possue Lousã algumas boas pensões, tais como: — «Carranca», fronteira à Estação do Caminho de Ferro e que é a mais antiga; «Avenida», fronteira ao Jardim da Câmara; «Bem Estar», classificada de 1.ª classe, com boas instalações, recebendo da Serra os seus bons ares tonificadores; é a mais recomendada e preferida.

Tem bons estabelecimentos de modas e retrozeiro, papelarias, tipografias, um bom cinema e teatro, onde há um belo salão para festas, estando entregue a sua exploração à firma distribuidora de filmes, Aníbal Contreiras, de Lisboa.

Possue, também, alguns cafés, sendo o preferido para ponto de reunião, o «Café Central», onde os naturais e forasteiros se reúnem para o café. Anexo ao café, há uma barbearia que é bem frequentada.

Quem conhece os rigores do clima dos países nórdicos, durante quase todo o ano, compreende facilmente a necessidade que os seus naturais têm de fazer uma estação de cura no País do sol e de clima marítimo.

Proseguindo, e segundo o que

— — — — —

Sob o ponto de vista industrial tem a Lousã, como mais importante actividade a de serração e preparação de madeiras extraídas dos extensos pinhais que a circundam.

Tendo conhecimento da existência ali de uma fábrica de licores, «Fábrica Imperial», propriedade do nosso amigo sr. J. Carranca Redondo, onde se manipula o apreciado «Licor Beirão», ali nos dirigimos em visita, levados pela nossa curiosidade e desejo de ver como é fabricado o apreciado licor, tão espalhado e creditado no nosso país.

Recebidos com extremos de gentileza pelo nosso amigo sr. J. Carranca Redondo, onde se manipula o apreciado «Licor Beirão», ali nos dirigimos em visita, levados pela nossa curiosidade e desejo de ver como é fabricado o apreciado licor, tão espalhado e creditado no nosso país.

— Para o próximo Natal — diz-nos o nosso amigo — serão expostas em várias montras do Lisboa, muitas caixinhas iguais a estas e que devem constituir a alegria das crianças.

Depois desta visita, para nós muito agradável, e por indicação do sr. José A. Pinto, um filho da Lousã que sabe enaltecer as suas belezas e as propaga, fomos visitar a fábrica de tapetes da firma Carvalho & C.º

Possue a fábrica excelentes instalações, sendo o fabrico dos tapetes executado por raparigas d' várias idades.

Percorrendo as várias secções, vimos-las agarreadas aos teares, notando que a maioria se apresenta com mau aspecto físico, demonstrando insuficiência de alimentação e desempenharem um serviço superior às suas forças. Os salários devem ser muito baixos e a fiscalização é escassa, como nos informaram.

Na secção de tinturaria, quase que nos sentimos sufocados; em virtude do pestilente cheiro emanado dos vários ingredientes empregados na coloração dos tapetes.

José Gonçalves Rodrigues (CONTINUA)

Parece-me que assim, já alguma coisa se está a ganhar em face da intromissão do signatário, no ataque às actividades turísticas de Quarteira e assim a crítica começou a ser construtiva. Não há necessidade de comprar um continuação.

Continuam a esperar dos elementos que solicitámos, por nos terem sido publicamente oferecidos, demonstrativos do lucro da exploração da rede de distribuição de Quarteira.

R. P.

Palha enfardada

Vendem-se 600 fardos, em Vale Luis Netos, próximo de Vale da Rosa (Barranco do Velho).

Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

Cesa Luzi

Lenha de azinheira

Vendem-se 1.200 arrobas de lenha de azinheira, na Herdade de Estraga Mantens, próximo de Vale da Rosa (Barranco do Velho).

Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

Cesa Luzi

Quarteira... em retrato

(Continuação da 1.ª página)

está legislado desde que se considera um empreendimento hoteleiro digno de ser classificado de utilidade turística, ele goza de determinadas regalias, das quais, as principais, são:

1.º — O empréstimo até 50% do valor do imóvel e dos móveis, reembolsável em 20 prestações anuais iguais, a partir do 6.º ano do início da exploração;

2.º — Isenção de todas as contribuições, impostos e taxas durante 10 anos, a contar do início da exploração hoteleira, e redução de 50% das mesmas contribuições, nos 15 anos seguintes;

3.º — Comparticipação pelas Câmaras Municipais e Orgãos locais de Turismo com as empresas privadas;

4.º — Comparticipação do Fundo do Desemprego na construção das unidades hoteleiras atraçadas, além do valor de 50% do Fundo de Turismo;

5.º — Empréstimos da Caixa Nacional de Crédito, em condições de prazo e juros a fixar pelo Ministro das Finanças.

Nas condições atraçadas, as 4.500 diárias, resultantes dos 90 dias por ano, de plena utilização do hotel, suportariam o encargo de 5% do juro anual de metade do capital da empresa, que é acionista, ou sejam 2.150 contos, e a amortização, em 20 prestações anuais, a partir do 6.º ano, dos outros 2.150 contos.

Como medida de segurança, para determinar a rentabilidade do capital, calcula-se que este hotel estaria aberto e, digamos, cheio, apenas durante 90 dias por ano, com 50 diárias, ou seja durante a época balnear, a das amendoineiras em flor, e mesmo no mês de Abril. É preciso contar com os resultados da propaganda adequada que atraia os estrangeiros, os quais já hoje deixam de vir ao nosso País por falta de garantia de alojamento.

São já conhecidos no estrangeiro os estudos de climatologia do Algarve, entre os

ECOS DO AMEIXIAL

A VISITA DE UM VELHO AMIGO E CONTERRANEO

Há poucos dias fui visitado por um velho amigo e conterrâneo que não via há 30 anos.

Foi para mim grande prazer abraçar um velho e sincero amigo, que foi meu companheiro dos bancos da escola, e companheiros inseparáveis, nos nossos tempos de rapazes.

Nos poucos momentos que estivemos juntos, falámos com saudade nos nossos tempos, recordámos-nos com mágoa, dos nossos amigos, e companheiros, que já hoje não pertencem ao numero dos vivos, e de muitos outros assuntos, e por fim falámos do nosso querido Ameixial, que nos viu nascer, e crescer, o que é e será sempre para nós a aldeia mais bonita que conhecemos.

Este meu amigo, diz que o Estado Novo, não se esqueceu do nosso Ameixial, que tem hoje um aspecto diferente, do nosso tempo de rapazes.

O alargamento desta estrada, na travessia da povoação, estes prédios de pedra à vista, estas árvores, dão-lhe um aspecto interessante.

— Lá isso é verdade. Mas muito mais há ainda a fazer, e bem merecia que já estivesse feito.

— Já vi mais de uma vez, correspondência assinada por ti, no jornal «A Voz de Loulé», onde tu pedias entre outros melhoramentos, o arranjo da nossa fonte ferrea, e o alargamento do pequeno caminho que dá acesso à mesma fonte, de forma a poder lá chegar, um automóvel.

Já esse melhoramento uma tão velha aspiração do nosso povo foi arrancada?

— Não! homem! Está tudo na mesma. Tenho levado, à nossa fonte, algumas das pessoas mais categorizadas do nosso concelho, inclusivamente o Senhor Presidente da Câmara, a mostrar-lhe quanto são justas as nossas aspirações.

Sendo a nossa fonte, a que fornece a melhor água a toda esta região, e muito conhecida de turistas e viajantes, havendo pessoas no nosso Algarve, e no Bairro-Alentejo, que só bebem desta água, é de lamentar, que ainda não tenha sido modificado.

E quando é que o nosso Ameixial é electrificado?

— Nada sei sobre esse assunto, e nem sei as demarcações, que a Junta da nossa freguesia, tem efectuado nesse sentido. O que te posso dizer, é que na plano das actividades da nossa Câmara para 1958 não vi uma única palavra de referência a esse importante melhoramento, para o nossa freguesia e nem qualquer referência respeitante à nossa fonte.

— Pelo que me dizes vivem no mais completo esquecimento.

— Isto é mal que já vem de longe!

Recordas-te, de umas letras em azulejo, que o Automóvel Clube de Portugal, (salvo erro) mandou colocar na parede traseira da nossa igreja, ali por volta de 1930, onde se lia a palavra Ameixial? Recordo-me bem.

Nesses tempos, na estrada junto à igreja, era quase obrigatório, a paragem dos automóveis ou camionetas.

Um dia, cuja data não fixei parou no referido local um automóvel que conduzia 4 cavalheiros, que se apearam do dito automóvel e depois de conversarem alguns momentos, um desses cavalheiros olhou para a palavra que estava na referida parede e procurou:

— Aqui é Ameixial? Um nosso conterrâneo, que por curiosidade se tinha aproximado do automóvel, respondeu afirmativamente e que Ameixial pertencia ao concelho de Loulé.

— Mas Loulé, uma das vilas mais importante do país e um dos maiores concelhos, tem uma sede de freguesia com um aspecto tão pobre?

— O nosso conterrâneo, corou mas não se revoltou e respondeu:

— E que esta freguesia é a que mais distante fica da sede do concelho e por esse motivo é a última a ser atendida, nas suas justas reclamações.

— Se é assim espera amigo, que saber esperar, é uma grande virtude saber esperar, que não estará longe, o dia em que terão atendidas, as justas aspirações dos Ameixialenses.

— Oxalá que assim seja!

E com um apertado abraço despediu-se o meu Velho e bom amigo que eu há tantos anos não via.

FALECEU UM COMPANHEIRO DE MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

Som 85 anos de idade, faleceu no passado dia 1 do corrente, na sua casa de residência no sítio do Serro dos Vermelhos desta freguesia o sr. Manuel António, que fez parte de um grupo de seis soldados desta freguesia, que serviram sob as ordens de Mousinho de Albuquerque nas campanhas de Lourenço Marques.

Do referido grupo de soldados apenas vive um de nome António Correia, que tem por alcunha «Gungunhana».

Augusto Teixeira

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

Obra de «REPARAÇÃO DE ARRUAMENTOS EM LOULÉ — 1.ª FASE»

Faz-se público que no dia 9 do mês de Janeiro de 1958, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para adjudicação da obra indicada em epígrafe.

A BASE DE LICITAÇÃO É DE 73.890\$00

Para serem admitidos a concurso, torna-se necessário que os interessados procedam, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, ao depósito provisório da importância de 1.847\$30 (mil oitocentos e quarenta e sete escudos e trinta centavos) a efectuar mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal, em qualquer dia útil, por forma a que as propostas enviadas pelo correio, ao Presidente da Câmara, sejam recebidas até à véspera do concurso.

O depósito definitivo é de 5% do valor da adjudicação.

O projecto, programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente na Secretaria deste Corpo Administrativo, onde poderão ser observados e também na Direcção de Urbanização de Faro, se o respectivo Director com tal concordar.

Paços do Concelho de Loulé, 4 de Dezembro de 1947

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

RECORDANDO

(Continuação da 1.ª página)

uns quantos wagons de grão e feijão, que chegaram ao abastecimento do povo, procedendo à sua venda, no terreiro do Tribunal, na Rua das Freiras. A sua benemerência, estendia-se a muita gente pobre, além, das suas dívidas ao Hospital.

Com a sua preocupação de fazer a Avenida e dar trabalho, entregou nessa altura, os quinze contos (moedas forte) à Câmara Municipal.

Andel, a correr atraç do técnico Sr. Vinhas e outro, quando se tiraram medidas e se fixavam os «pontos de mira» para servirem de base, aos elementos necessários, para a confecção da planta da Avenida, e, assisti, com os garotos da minha geração, às demolições; a ver-se os pedreiros, tão altos, nos telhados, como se fosse hoje, ao cimo dos «Arranha-céus». As plantas, encaixilhadas em dois quadros, mereceram a minha admiração, durante alguns anos de infância.

A obra realizou-se, e, aí fica para a posteridade, e como muito bem diz, o articulista do recordando, não devemos esquecer o nome do homem que a concebeu. Não devemos esquecer, igualmente, os nomes de outros homens, que conseguiram engrandecer a nossa terra, como por exemplo aqueles, que mandaram executar o nosso tão lindo Mercado, e, os que na época, a que nos estamos a reportar, lutando com todas as dificuldades — em plena guerra — nos deliciaram em admirar, pela primeira vez, a nossa linda vila, iluminada com luz eléctrica.

Isto não é bairrismo exagerado, falar, assim, de Loulé, muito se tem feito, é certo, mas muito há ainda que fazer.

Agradecendo, Sr. Director, o vosso melhor acolhimento, subscrivo-me.

De V. Ex.º

Atenciosamente

Octávio Fernandes

— — — — —

Na Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

vende o atum fresco, para comer em bifes, e até a existência de uma aldeia de pescadores que se chama «Faro».

Evocou ainda o culto por Santo António, que chegou a ser o patrono de Nápoles, embora no sul de Itália, o culto do Santo casamenteiro seja substituído pelo de S. Pascoal Bailão, a quem as raparigas cantam a seguinte prece:

S. Pascoal Bailão,
Protector delle donne,
Mandatemi um marito
Belo, rico e saporito
Como voi tale e quale,
O glorioso S. Pascoal!

Teve igualmente lugar na Casa do Algarve a realização de uma exposição fotográfica sobre Lagos que continuará aberta ao público até 1 de Janeiro próximo.

Augusto Teixeira

TURISMO

(Continuação da 4.ª página)

tos, vimos expor a nossa maneira de ver e pensar sobre o Turismo, em Loulé, e os seus benefícios.

Os louletanos que sabem sentir o amor pela sua terra, não deixarão esfriar nos corações o seu amor por ela, e com a vontade de verem satisfeitos os seus desejos e cumpridos, ou melhor resolvidos, todos os problemas de interesse, como é o do Turismo, do qual resultaria uma grande receita com a qual mais se desenvolveria a Vila como centro turístico, portanto, mais conhecida seria, devem olhar com cuidado atenção este problema. Organize-se desde já uma Comissão de Iniciativa e de Turismo, afim de executar a exploração do excursionista no sentido honesto da palavra: Mas para que a Comissão possa trabalhar, é necessário que ela se imponha, com decisão de modo a usufruir a autoridade que torne possível a concretização de qualquer iniciativa em vista, pois que as coisas muito demoradas são, como a experiência tem demonstrado, coisas esquecidas se não perdidas.

Para se conseguir o fim não basta só agitar-se as questões, é necessário dar alma às iniciativas, incentivo às realidades aos motivos de valorização regional: as belezas naturais.

Conhecemos muitos centros turísticos do País, mas poucos conhecemos um cenário mais belo, como este que envolve a vila de Loulé. Todo este cenário maravilhoso enquadrado entre a serra, ao Norte, e o mar Atlântico, ao fundo, deve ser aproveitado com cuidado e carinho estes elementos naturais com que a própria Natureza nos seu caprichos concede a Loulé.

Nunca se apaga dos nossos olhos a grandiosa paisagem e com eles fitos na terra natal com a sua imensa campina, descorramos a todo o momento a extensão e beleza dessa paisagem sem igual, sempre coberta de vegetação exuberante, que oferece quadros panorâmicos de surpreendente originalidade e de pitoresco.

Pensem bem nisto os louletanos e nunca se esqueçam das grandes possibilidades de maior desenvolvimento da terra, pensem bem nisto as autarquias locais, os proprietários das modestas pensões que existem que não oferecem conforto e comodidades, que precisam de ser dotadas de tudo quanto impõe esse conforto, pensem, por último, os senhores capitalistas que bem poderiam investir alguns dos seus capitais, arrecadados nos cofres, na construção de um hotel, que pense bem nisto a Câmara Municipal em estreita colaboração com a Comissão de Turismo, promovendo mais activamente a propaganda das belezas naturais de Loulé.

Pensem bem nisto mais uma vez os louletanos, e façam ouvir a sua voz com altivez de quem ama a terra natal, porque assim cumprirão o dever de bons filhos, muito embora se reconheça haver espinhos na estrada para onde se vai caminhar, mas encontrarão também louros, representados na grande satisfação do dever cumprido.

Assim esperamos.

Continuaremos.

Augusto C. Bolotinha

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

Obra de «REPARAÇÃO DA AVENIDA JOSÉ DA COSTA MEALHA, EM LOULÉ — 2.ª FASE»

Torna-se público que, no dia 2 de Janeiro de 1958, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para adjudicação dos trabalhos referentes à empreitada da obra indicada em epígrafe.

A BASE DE LICITAÇÃO É DE 136.775\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário que cada interessado proceda ao depósito provisório da importância de 3.419\$30 (três mil quatrocentos e dezanove escudos e trinta centavos) a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal em qualquer dia útil, por forma a que as propostas enviadas pelo correio, dirigidas ao Presidente da Câmara sejam recebidas até à véspera do concurso.

O depósito definitivo é de 5% do valor da adjudicação.

O projecto, programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis na Secretaria desta Câmara Municipal, onde poderão ser observados e também na Direcção de Urbanização de Faro, se o respectivo Director com tal concordar.

Paços do Concelho de Loulé, 4 de Dezembro de 1947

O PRESIDENTE DA CÂMARA

José João Ascensão Pablos

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

Obra de «CONSTRUÇÃO DE UMA VARIANTE PARA SUPRESSÃO DA PASSAGEM DE NÍVEL NA E. M. DE MARITENDA (E. N. 125) À PERA (E. N. 296 - I) POR ALBUFEIRA»

Faz-se público que, no dia 16 de Janeiro de 1958, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para adjudicação da obra indicada em epígrafe:

A BASE DE LICITAÇÃO É DE 114.483\$00

Para serem admitidos a concurso, torna-se necessário que os interessados procedam, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, ao depósito provisório da importância de 2.862\$10 (dois mil, oitocentos e sessenta escudos e dez centavos) a efectuar mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal, em qualquer dia útil, por forma a que as propostas enviadas pelo correio, ao Presidente da Câmara, sejam recebidas até à véspera do dia fixado para o concurso.

O depósito definitivo é de 5% do valor da adjudicação.

O projecto, programa de concurso e caderno de encargos estão patentes para consulta dos interessados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria deste Corpo Administrativo e também na Direcção de Urbanização de Faro, se o respectivo Director com tal concordar.

Paços do Concelho de Loulé, 5 de Dezembro de 1957

O PRESIDENTE DA CÂMARA
José João Ascensão Pablos«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 145 — 8 - 12 - 1957.

EDITAL

JOAO ANTONIO DA SILVA

GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que a firma SOCIEDADE AGRICOLA e INDUSTRIAL DO ALGARVE, Lda., requereu licença para instalar uma destilaria de aguardente, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, cheiro e alteração das águas, situada na Quinta do Freixo — Benafim Grande, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando por todos os lados com a propriedade da Quinta do Freixo — Benafim Grande.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 26 de Novembro de 1957.

O Engenheiro-chefe da Circunscrição,

João António da Silva Graça Martins

Ginginha

e Eduardino

das Portas de Santo António

as melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 145 — 8 - 12 - 1957.

Tribunal Judicial

Comarca de LOULÉ

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os réus ALICE DE JESUS GONÇALVES e marido ALBINO MARTINS SEBASTIÃO, ausentes em parte incerta da República Argentina e cujo último domicílio conhecido, neste país, foi no referido sítio da Picota de Gilvrazino, para, no prazo de 10 dias, findo o dos editos, contestarem, querendo, o pedido constante da petição inicial dos supra identificados autos, cujo duplo se encontra patente nesta Secret

SE TENCIONA

ENVIAR cumprimentos de BOAS FESTAS aos seus Familiares e Amigos e deseja fazê-lo em bonitos e originais cartões, DEVE necomençá-los, desde já, na

GRÁFICA LOULETANA LOULÉ
Telephone 216

NÃO RESERVE PARA ÁMANHÃ

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Dezembro:

Em 14, a menina Flora Maria Carapeto Corpas.

Em 15, a menina Neusa Maria Ramos Cecília.

Em 16, a sr.ª D. Adelaide dos Santos Garrocho, a menina Maria Leal Alho e o menino Joaquim Manuel Correia Duarte.

Em 17, a sr.ª D. Marieta G. Mendes Pinto e as meninas Dina Maria Sousa do Nascimento e Géni Maria Duarte Cavaco.

Em 18, o sr. Manuel Nunes Esteve e a menina Dina Maria Nunes do Nascimento Caeiros.

Em 29, a menina Maria Elda Rua Arquieri.

Em 22, a menina Maria de Souza Cachado.

CASAMENTO

Na Igreja de Nossa Senhora d'Assunção, em Vila Nova de Cacela, realizou-se, no dia 1 do corrente o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Josefa Machado Correia, gentil filha da sr.ª D. Maria Emilia Machado Correia e do sr. António Peres Correia, com o sr. João António Pereira de Campos, filho da sr.ª D. Emilia Adelaide Pereira de Campos e do sr. Alfredo de Campos Faisca, tendo o acto sido apadrinhado pelos respectivos pais.

Na residência dos pais da noiva, em Vila Real de Santo António, foi servido um lauto copo de água aos numerosos convidados.

Aos noivos, que fixaram residência em Vila Real de Santo António, «A Voz de Loulé», deseja as maiores felicidades.

FALECIMENTO

Vítima de doença súbita faleceu no dia 6 do corrente, no Hospital de Loulé, para onde fora conduzido de urgência o importante industrial corticeiro de Ermidas-Sado, sr. Manuel Francisco Afonso, que era natural de Amendoeira, freguesia de Querença deste concelho.

Era irmão dos srs. António Viegas Afonso, residente na Rua Marechal Gomes da Costa, desta Vila, José Viegas Afonso, residente na Amendoeira e de D. Glória Viegas Afonso, casada com o sr. Artur de Sousa Pinto, de Ermidas.

Deixa os seguintes filhos: Manuel Francisco Afonso Júnior, Avelino Afonso Pinto, D. Albertina de Sousa Afonso, casada com o sr. Álvaro Rodrigues da Silva e D. Maria da Luz Afonso, solteira.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria de Sousa Afonso.

O extinto era dotado de excepcionais qualidades de carácter e muito estimado pela sua grande actividade e iniciativa. A Família enlutada paresentamos os nossos pésames.

Visado pela Com. de Censara

GRÁTIS!

Como brinde de Boas Festas, oferecemos um fogão a petróleo a todos os clientes que durante o mês de Dezembro comprem uma panela de pressão na casa de

JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS

Rua de Portugal, 31 — LOULÉ.

Se tem necessidade de encomendar

Cartões de Boas Festas ou de Visita

Não reserve para «ámanhã». Faça-o com a conveniente antecedência na

GRÁFICA LOULETANA — Loulé

Mário C. Drago

SERVIÇOS MÉDICOS A QUALQUER HORA

Consultório e residência:

Avenida José da Costa Mealha, 34

LOULÉ

A Voz de Loulé

TURISMO

Nesta azáfama de escrever para a «A Voz de Loulé», encontramos de vez em quando momentos difíceis e em que a nossa imaginação se sobressai, em que a nossa pena escreve, quase que instantivamente outra coisa, e quando se nos depara um assunto de interesse para a terra, como o que serve de epígrafe, estacamos num momento de reflexão para o transmitir ao papel, escrevemos sem subterfúgios, dizendo as coisas como elas são. Escrever é fácil, mas escrever com imparcialidade e prudência, fazer crítica é difícil.

Esta pequena crónica, vem a propósito do editorial do «Século», dia 30 do mês findo, que tratava do Turismo e a falta de hotéis e pensões, dizendo numa das suas passagens, e di-lo com verdade: «há falta de hotéis e pensões em número suficiente e em condições de conforto», para receberem os que visitam Portugal. Nota-se que, de ano para ano, a vinda de estrangeiros em viagem de Turismo aumenta em número, percorrendo o País em todas as direcções. Pelo seu número encontram dificuldades de obterem alojamentos, principalmente na província, onde não encontram hotéis confortáveis e boas pensões em número suficiente e em condições de higiene e conforto.

«Se não houver, como não há, hotéis ou pensões onde essa gente possa alojar-se», como há-de haver Turismo? Não pode haver.

Ora, sendo o jornal, mais ainda que a palavra, o grande impulsor de ideias e pensamentos.

(Continuação na 3.ª página)

Comissão Distrital da Junta de Ação Social

(Continuação da 1.ª página)

A contar para o Campeonato Distrital da III Divisão realizou-se no passado dia 24, no Estádio da Campina, um encontro de futebol entre as equipas do Lusitano de Vila Real de Santo António e o Louletano Desportos Clube.

A vitória coube ao grupo visitante que a alcançou a 5 minutos do final, devido a um «falhanço» de Ferreira e que o extremo-esquerdo do Lusitano soube aproveitar oportunamente, colando o resultado em 2-1.

Este foi sem dúvida o pior jogo da equipa do Louletano durante o presente Campeonato.

No domingo seguinte o Louletano recebeu a visita do Silves, tendo sido igualmente derrotado devido à flagrante parcialidade do árbitro Pinto Coelho que actuou abertamente a favor do Silves, forçando o resultado para 3-2.

O facto de o árbitro «não ter visto» a bola entrar 2 vezes na baliza nem ligar importância às faltas assimiladas pelos juízes de linha contra o Silves, deu ensejo a veementes protestos da assistência, do que resultaram cenas francamente desagradáveis e que só servem para desagreditar o desporto.

Para melhor deixar marcado o «exceLENte» comportamento, o sr. Pinto Coelho ainda se «dignou» providenciar para que o Louletano não pudesse realizar em Loulé o único jogo que faltava jogar em casa.

Se há jogadores irradiados e castigados, clubes e campos, também parecia lógico que fossem irradiados do futebol todos os árbitros que agissem como o sr. Pinto Coelho...

E chamam a isto desporto!?

Espectador

Mercados mundiais de frutos secos

Diminuiu em França a procura de amendoa para consumo interno.

Ligeiro aumento de preços em Londres.

LONDRES, 28-XI

Durante a semana finda o mercado londrino da amendoa registou um anterior incremento de preços da amendoa de proveniente italiana, incremento que resulta muito difícil de explicar. No início do período em exame alguns exportadores venderam a 345 shillings, os 50,802, saf, Ao anunciar-se que as licenças de importo, emitidas pelo Governo francês para a compra da amendoa italiana estão cobertas, produziu-se um movimento rebaixista, nos preços de amendoa da proveniente.

Por outro lado não deve ser descurado o facto de que ainda estão por vender notáveis partidas de amendoa, de proveniente italiana, e que os compradores, sejam da Alemanha ou do Reino Unido, não manifestam grande entusiasmo pelas propostas que lhe têm feito os exportadores italianos.

Acerca da amendoa espanhola, os compradores da Grã-Bretanha têm possibilidades de operar através de combinações financeiras, ainda a 322 sh, caf. Durante a semana em exame, concluíram-se negócios em amendoa espanhola através de combinações tripartidas. Trata-se, porém, de quantidades muito limitadas. Seguem as cotações, em shillings, por 50,802, da nova colheita, embarque Dezembro:

Amendoa: Bari 335; P. G. 340; Valência, 330; FARO, 345; Indiana, 360; Malaga (3,4 e 5 coroas em sacos) 417; Bari disponível em 2.º lugar na classificação geral.

MARSELHA, 28-XI

Durante a semana passada, no mercado marselhês da amendoa, tem diminuído a procura, devido à indústria transformadora e ao comércio da França estarem cobertos pelas suas necessidades, para o próximo trimestre.

Não têm faltado, porém, compras de amendoa espanhola e portuguesa por parte de importadores híbridos.

Seguem as cotações—da amendoa e figo,—em francos franceses, por quilo:

Amendoa: Algeria 380 caf.

Marroquina 370 caf; Tunisina 385 caf; Bari 1.º, granel, 375; falida 380; escolhida 390; calibrada 405; comum 390; fob; Valência selec. 395 fob; Grega 405; Provence 410; estação origem; Branca italiana e espanhola 450 fob; BRANCA PORTUGUESA, 460.

BARI, 28-XI

Mercado nacional, da Bolsa de Mercadorias) Interesse nos figos secos comestíveis, devido às escassas disponibilidades. Eis as cotações em liras, por quintal de 100 sh, mercadoria no armazém:

Alfarroba: a granel, partida, 4300/4400.

Figos secos: — industrial 6400/6500; comestível em celofane 11.000; idem coroa 9300/9400. (extrato «24 ORA»)

MOTOCICLISMO

Um louletano em evidência

Pela leitura dos jornais diários tivemos conhecimento de que o nosso connterrâneo Albio Filipe Pinto alcançou o 1.º lugar na prova de velocidades Rally comemorativo do aniversário do Moto Clube de Lisboa, obtendo assim em 2.º lugar na classificação geral.

Guindado uma Norton 500 cc. especial, este nosso connterrâneo conseguiu mil um brilhante resultado ao lado dos grandes ases do motociclismo nacional.

VENDE-SE

Máquina cilíndrica Singer, para calçado, servindo para coser chapeus. Em óptimo estado.

Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

O ASSALTO

das Barreiras Brancas

PROSSEGUEM as investigações a cargo da G. N. R. para a descoberta dos autores do assalto feito à residência do sr. António Calço, no lugar de Barreiras Brancas, próximo desta vila.

Os assaltantes, cujo número parece estar provado serem quatro, viajavam num automóvel «Volkswagen» de cár Verde-escuro ou azul-verdoso, que cerca das 3 horas do dia do assalto esteve metendo 100\$00 de gasolina na Garage Avenida, desta vila.

Cerca das 2 e meia dirigiram-se para um Salão de Baile que há nas imediações da casa assaltada e perguntaram à proprietária se podiam entrar, ao que esta respondeu que estava já fechado as portas, pois o baile acabara.

Os assaltantes que entraram na casa foram três e penetraram por uma janela das traseiras e rebuscaram toda a casa. O sr. Calço quando deu por eles já tinha um deles em cima da cama a apertar-lhe o pescoço enquanto sua mulher, dominada também por outro que igualmente lhe apertava a garganta gemia de medo e pediu para não matarem o seu homem.

— Dê-nos depressa o dinheiro e todo o ouro que tiver senão mata-se o homem!

A pobre, não sabendo que eles já haviam encontrado debaixo do colchão uma carteira com 19 600 e tal escudos, indicou-lhes o outro lado da cama onde guardava o dinheiro da casa, cerca de quinhentos escudos, informando que não tinha ouro pois o dera as filhas quando se casaram.

Em cima do guarda-vestidos estava ainda cerca de 10 contos e algum ouro que os meliantes não descobriram.

Depois de terem atirado a dona da casa para a cama por cima do corpo do marido, este a custo articulou: — Grita!

Enquanto desfalecia, a mulher subiu a uma varanda e gritou pelos vizinhos enquanto os assaltantes fugiam no automóvel.

Os vizinhos que acudiram, depois de conseguirem reanimar o sr. Calço, dirigiram-se ao Posto da G. N. R. numa furgoneta do sr. Veríssimo a apresentar queixa.

A flora do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

Não é só o clima, não é só a excepcional e prodigiosa beleza da nossa costa, a maravilha dos nossos panoramas que lhes deve ser recomendada. É o relicário de folclore que todo o Algarve posse, que devia ser restaurado e recuperado. É a maravilha das suas cantigas, condensadas no Cançãoiro do Algarve, a graça, e vivacidade das suas músicas e dansas, as tradições originais das suas festas e dos casamentos, as representações populares dos Reis Magos, a dramatização das lendas das Mouras Encantadas, e, também aquele espetáculo inédito que oferece a floração da Amendoeira!

E, porque não, Loulé com as suas Festas do Carnaval a que uma Direcção superior e uma supervisão do S. N. I. poderiam dar melhor orientação no sentido de aperfeiçoamento e estilização, de forma a enquadrar-se no sentido de valorização provincial?

Estamos na hora decisiva, preliminar das grandes realizações que há de valorizar o Turismo Nacional.

Que os representantes do Algarve possam e saibam manter-se à altura dos valores excepcionais que representam!

Moibilia de escritório

Em bom estado, vende-se barata.

Tratar na Rua António da Costa Ascensão, 7 — Loulé.

HABILITE-SE AO CONCURSO MENSAL DA PHILIPS!

Peça esclarecimentos ao Agente Oficial em LOULÉ

JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS

Rua de Portugal, 31

Telef. 208